

Jesus de Nazaré e a espiritualidade

É preciso fundamentar a expressão “de Nazaré”, pois o nome Jesus puro vem de *Jesus*, do latim, traduzido do grego a partir de *Iêsous*, que por sua vez foi transliterado do aramaico, língua anterior ao hebraico.

Assim, a ênfase “de Nazaré” destaca o menino judeu da Galileia, relatado nos evangelhos de Matheus e João que testemunharam o que ouviram diretamente da boca de YESHUA, para uns, ou YAUSHA, para outros, visto que o hebraico primitivo ainda não acentuava suas letras, perdendo-se a sonoridade original como quando ouvia sua mãe O chamar.

Além disso, o título “de Nazaré” ressalta o Mestre que realizava curas e prodígios, assim como fizeram seus apóstolos na igreja primitiva. Milagres que faziam as pessoas crerem no poder sobrenatural, oriundo de um mundo posterior à morte e eterno, justificando dormir ao lado do ronco dos leões há dias sem comer e pela manhã entrar na arena cantando.

A realização pelos apóstolos de tais milagres sobrenaturais em proveito das primeiras gerações cristãs, convenciam-nas cegamente a servi-Lo até a própria morte, dando força ao cristianismo nascente na Palestina e verdade ao cristianismo atual; porque somente uma convicção exagerada venceria o medo da perseguição para fazer brotar a religião messiânica.

Até aqui, Jesus de Nazaré é reconhecido como o legítimo Messias, mais que tudo pelo poder de capacitar os apóstolos a exercerem milagres em Sua ausência, que atestam a origem de Seu poder no Todo Poderoso. Mas os evangelhos de Matheus e João foi usado pela Igreja Romana visando a expansão de suas fronteiras, esquecendo-se dos milagres como legitimação da intimidade com YHWH; e esse caminho é guiado por Ele próprio, porque foi crucial para manter a unidade do continente europeu e do cristianismo diante da invasão muçulmana no século VIII. Enfim, a designação “de Nazaré”, “Nazareno”, “Cristo” e tantas outras após o nome de Jesus, identifica YESHUA, ou YAUSHA, da tribo de Judá que exalta o Deus de Israel, o Pai, como nos ensinou a rezar.

Esclarecido o destaque ao nome de Jesus de Nazaré, sendo sua expressão a afirmação dessa consciência, passemos nossa atenção para a espiritualidade afinada com a ciência e a verdade, sem crenças religiosas, percebendo a vida como uma estrada que se acaba num muro e após esse muro, ninguém sabe aonde vai dar, pois as religiões consideram hipóteses diversas e incontempláveis para uma única realidade futura.

O futuro é a morte, cheia de mistérios pela própria dicotomia apresentada entre as religiões; mas há um espaço comum a todas as doutrinas, de onde a verdade se destaca por unanimidade. Dentro desta zona de interseção, para os que acreditam na vida após a morte, a transição pode ser compreendida como colegiais da 5ª série confidenciando sobre a 6ª série, aquela que vem depois das férias. Obviamente que os alunos mais atrasados sentirão desconforto por este tipo de conversa, mas os bons alunos acharão proveitoso se informar sobre a etapa seguinte.

A transição pode ser também comparada ao moderno mundo da informática, do qual no século passado seria inconcebível que o conteúdo de um livro fosse transmitido instantaneamente de um país a outro; e sendo a palavra evolução repetidamente usada para descrever como chegamos até aqui, a continuidade é também de evolução, em que a individualidade seja um arquivo encorpado, como a um *pen drive* e cada pessoa em espírito fosse o *software* que habita em corpo o *hardware*, que se desgasta e morre, assim como toda vida na natureza.

No esgotamento da peça utilizada como corpo, os *softwares* interessantes serão salvos, ou copiados, para existirem numa forma incompreensível ao homem do início do século XXI. Diante de tal seleção, o tema da morte é desagradável para os que sabem que não serão bem recebidos na próxima vida, mas os que estão religados captam o interesse do Criador em reaproveitá-los numa outra existência, imortal, pois que alguma serventia apresenta ao Grande Programador.

É natural a apreensão ao desconhecido, como na primeira vez que o pai convida o filho a pular na piscina mais funda, assim como é agora o conhecimento do processo de transição, que poderá ser glorioso para uns, como desastroso para outros³, pois todas as religiões pregam a correlação das existências, num processo de causa e efeito, indicando que as almas serão moldadas e posteriormente agrupadas, segundo as experiências vividas.

Nem fantasiosa, nem ofensiva, esta versão se aproxima da realidade futura em que um espírito que chamamos Deus, assistiu acontecer o *Big Bang* e governa vários planetas; o contrário parece ser uma tradição geocentrista defasada da realidade e toda doutrina contrária à realidade se esvaziará por suas crenças não honrarem a verdade. Ainda estamos tateando nosso sistema solar e nem compreendemos os segredos da nossa galáxia, como compreenderíamos o Altíssimo que governa o universo e tudo além? E é da falta de entendimento que advém todo descrédito pelo mundo espiritual; quando a tecnologia avançar conheceremos todo processo de transição e aí já não haverá fé, mas obediência.

A compreensão dos momentos subsequentes à morte é aguardada, pois a ciência dos homens tem nos trazido admirações cada vez mais frequentes e a próxima surpresa é uma realidade breve; e é comparável ao nascer de Alberto Santos Dumont, se nesse dia seu pai profetizasse que em menos de cem anos o homem pousaria na lua. Pareceria absurdo para uma época das metrópoles iluminadas por lâmpioes e trafegadas por carruagens, mas ocorreu em 1969, decorrido 96 anos do nascimento do bravo aviador brasileiro. O vestígio mais antigo de tentar alcançar a estratosfera está na Torre de Babel, quando os homens imaginaram ver a morada dos deuses, o que ocorreu há trezentas gerações atrás.

Numa retrospectiva mais alongada, meu tataravô de cem mil gerações atrás, era nu e peludo, vivia nas savanas da África à procura de comida e abrigo, quando descobriu as primeiras ferramentas de sua serventia, a pedra e o pau; mais tarde outros elementos como o osso e a corda foram incorporados ao seu manuseio, demarcando um passo de progresso contínuo até que um primo distante alcançasse a lua.

Essa é a grandeza de nossa evolução, éramos nus e fomos à lua; portanto, a surpresa por vir é inacreditável para o homem de hoje, assim como a eletricidade foi para o século XIX. E hoje nasce a quarta geração após a conquista da lua, que vive tempo agitado pela velocidade das mudanças, o que leva a pensar na sucessibilidade de acontecimentos em escala surreal. Se prevalecer a paz, será algo muito maior que a transformação do mundo antes e após a eletricidade, que possibilitou o desenvolvimento de máquinas igualmente surreais. Como entender o rádio? Como entender os satélites? Da mesma forma será a partir de agora, quando a tecnologia cada vez mais entrelaçada catapultará nossa ciência.

O fundamento dessa transformação surpreendente advém da Teoria da Relatividade Restrita, desenvolvida por Albert Einstein em 1905, bem como da Teoria das Cordas, postulada meio século depois, permitindo imaginar respectivamente a conversão de matéria em energia e a existência de dimensões paralelas, que poderiam se relacionar com as dimensões celestiais proclamadas em todas as religiões. As reações atômicas do século XX já comprovam a conversão da matéria em energia e a existência de outras dimensões é pré-requisito para que as equações da Teoria das Cordas possam encontrar solução matemática, levando a considerar que a mesa está posta para que a ciência nos presenteie com uma nova tecnologia transformadora.

Os benefícios da tecnologia relativística ainda são embrionários, mas muitos se lembram da época quando Neil Armstrong pisou na lua; nas casas havia um telefone preto de discar e as calculadoras a pilha eram o sucesso entre crianças e adultos. Os telefones viraram celulares repletos de aplicativos, sendo as calculadoras neles inseridas, vindo a surgir algo que nem os astronautas da Apolo XI compreenderiam, que é o mundo virtual. E assim vamos avançando, até formar uma ciência integrada que responderá às perguntas do homem; pois o homem quando tem menos anos de vida do que já viveu percebe que nada tem, porque tudo passou tão rápido e o que virá será como um piscar de olhos, para finalmente enfrentar a morte com seus desdobramentos duradouros, definitivos ou nulos.

Por hora, somos o pinto dentro do ovo imaginando sobre o mundo exterior, quando o mundo exterior pode inserir no ovo o sémen selecionado. Temos a certeza plena da existência de mistérios, mas sem a segurança de que esses mistérios nos encaminham a uma nova vida posterior, pois não se pode descartar a possibilidade de sermos espectadores num grande salão de mágica; e esta é a hipótese que nos dá livre arbítrio e o perdão simultâneos. A realidade atual é que iremos todos morrer e acreditamos passar para outro tipo de vida ausente do corpo que se desmanchará; e este processo deve ser único para todos os homens, porque a origem da vida é comum a todos, pois nascemos do ventre da mãe, alimentados pelo cordão umbilical para crescer e renascer numa condição autônoma, que se desenvolve e morre, abandonando o corpo como a borboleta refuga o casulo, passando a viver alheio à matéria, em espírito. Esta pretensão prospera a partir da física mais avançada e da concepção de que o inusitado nos surpreenderá; tal afirmação é certa como a morte e dela surge.

A presunção da continuidade da vida em estágios está afinada com a ciência pós relativística, viabilizando todas as religiões em seu senso comum de acreditar na existência posterior em um certo lugar. Também é senso comum a todas as religiões a correlação entre as existências, como causa e efeito que premia e corrige no que provoca. E por último, também comum a todas as religiões, está o pressuposto de Um comando superior, uma ordem hierárquica, governando os mundos inferiores.

Estas três considerações unânimes parecem ser o limite da verdade, pois um passo à frente estarão os dogmas que se divergem entre as religiões e até mesmo dentro de suas próprias segmentações. Assim, para não incorrer em inverdades trilharemos apenas sobre o conhecido pela ciência, que passa a fornecer grandes contribuições para ampliar a compreensão sobre o desdobramento da morte. Nessa direção, a ciência expôs o entendimento da relatividade que abalou o pensamento cético, respaldando o mundo dos espíritos, em conjunto com as experiências de projecionismo e de Regressão de Vidas Passadas.

O projecionismo, ou viagem astral, decorre da saída da consciência do corpo, munida de memória e percepção, que através de testes de observação de objetos em abrigo inalcançável, comprovam sua veracidade pela correta identificação de cada objeto, após o retorno ao próprio corpo. Esta experiência aponta a existência viva alheia à matéria, subsidiando a crença do espírito que abandona a carne em sua decomposição para existir em dimensões imperceptíveis, mas que estão por aí conforme deduzido pela Teoria das Cordas.

As RVP decorrentes do estado de hipnose, alcançam o subconsciente mais profundo, revelando informações inexplicáveis para aquela vida presente, trazendo conhecimento fora de sua vivência, o que permite cogitar serem informações de outras vidas.

Diante desse tripé, em que a ciência se abre para o inusitado, o projecionismo respalda a consciência viva alheia ao corpo e as experiências de RVP fazem prova de outras vidas, é preciso atentar que o mundo é muito mais do que é conhecido e tirar conclusões pelos dados tradicionais, pode ser errôneo, senão temerário, pelo que vem depois da morte ser sem fim e, portanto, de valor incomparável a tudo que possa ser mensurado aqui na Terra.

Aqueles que avaliam apenas por lógica, poderão errar ao raciocinar dentro dos limites do conhecido, esquecendo-se das experiências de projecionismo, das experiências de RVP e que a Teoria da Relatividade foi uma inversão do vetor de afastamento entre a ciência e a religião, marca do iluminismo, mas que hoje sinalizam haver além do azul, muito mais que a nossa imaginação alcança.

Pelo retrovisor avaliamos a brevidade de nossos dias⁴, quando os indícios da continuidade viva ganham robustez extrema para se cogitar a vida em espírito; além do que ninguém nunca se arrependerá por acreditar na espiritualidade, pois se não houver uma existência posterior não haverá arrependimento. Assim, entendendo a desproporcionalidade entre o tempo de uma vida e a eternidade, por prudência ao nosso destino, acreditamos no mundo espiritual, que nos leva ao cuidado de nos instruir sobre a etapa futura.

Nesse sentido, enxergando a proximidade da morte, prioritário é arrumar a casa e se preparar para uma outra existência, pois guardamos nosso tesouro aonde estamos e com o óbito não mais estaremos aqui, onde tudo material que temos iremos perder; por isso, acumulemos nossa riqueza em outro lugar, desconhecido agora, mas anunciado pelas doutrinas como céu, paraíso, nirvana, panteão, olimpo, valhala, etc, distintos espaços de acolhimento empregados pelas religiões distribuídas territorialmente, conforme o histórico de suas civilizações.

Todas as religiões se direcionam para a harmonia e consideram a correlação das vidas, ensinando que a cordialidade, a solidariedade, a meditação e até o jejum, acarretariam uma boa recepção no mundo dos espíritos, afinal toda religião é boa na medida que são unificadoras. Mas o mundo espiritual não deve estar loteado como as religiões da Terra, não estará dividido setorialmente, porque existirá alguém que é O maior de todos e tudo governa.

A questão então é saber se esse ser Todo Poderoso está representado por alguma das religiões existentes, ou extintas, porque as religiões solares associam nascimento com o dia 25 de dezembro, de protagonistas com poderes de cura e de multiplicar o alimento, como também de ressuscitar ao terceiro dia em alusão ao movimento do sol, aumentando a dificuldade de se identificar a verdadeira religião que adora ao Eterno, ao Grande Programador, como chamado anteriormente.

Nessa análise das religiões é crucial distinguir o mágico que transforma a varinha em flor, Daquele que capacita seus escolhidos a converterem varas em rosas, como a súbita cura dos enfermos, exercendo um poder que antes não tinham, mas que lhes foi dado. E este é o Senhor que tudo pode; pode dar e retirar poderes, porque o mágico apenas é capaz de transformar, não irradia este poder, nem o transmite aos que dele se aproximam. Só Aquele que concede poderes está ligado ao poder Eterno; pois o poder de destruir todos tem, mas o poder de curar só aquele que for dotado e o poder de ressuscitar só aquele que for ainda mais dotado, enquanto o poder maior está com Aquele capaz de dotar a todos de seu próprio poder. ¹²

Essa capacidade de transmitir de Seu poder e mantê-los sob ausência é a condição exclusiva que vincula YESHUA, ou YAUSHA, ao Todo Poderoso e que sempre esteve exposta, mas não foi vista, os milagres dos apóstolos foram lidos, mas não enfatizados, apenas tiveram a sorte de nascer no mundo cristão, porque se tivessem nascido no seio de outra religião, igualmente seguiriam suas escrituras sagradas e negariam a Jesus de Nazaré por adorarem a outros deuses.

Jesus de Nazaré preencheu os detalhes anunciados pelo profeta Isaías, que O nomina de Deus Forte, Magnífico Conselheiro, Pai da Eternidade e Príncipe da Paz. Ele veio para deixar a mensagem de que existe um mundo do lado de lá e com isso nos importemos, já que tudo aqui é breve; também ensinou sobre a transição, pois é a Peneira Justa que morre como semente e frutifica em Espírito, para que aprendam a passar pela peneira.

Seus ensinamentos norteiam os confusos, são como Pílula de Esperança, porque assim se encharca aquele que bebe Suas palavras; passa a considerar menos a matéria e prestar mais atenção ao espírito. É ainda Mensageiro da Eternidade, porque traz recomendações proveitosas para a próxima existência, sobre a desproporcionalidade das existências e sua correlação. E é 100% Pacífico, porque nem contra seus algozes revidou, embora tivesse poder para destruir soldados e fariseus, mas preferiu entregar-se ao martírio para ver crescer sua videira.

Jesus de Nazaré golpeou os mercadores, atingindo as pessoas certas para morrer e sair de cena após a ressurreição, para que os apóstolos realizassem os milagres em Seu nome; e exatamente por causa da submissão ao Seu nome na existência espiritual, será odiado e tentarão desacreditá-Lo desconsiderando Seu sacrifício extremo.

Jesus de Nazaré comandou o mar e o ar, interferiu no metabolismo da figueira, como também na fisiologia das pessoas realizando curas e transmaterializações. Ele é o gene perfeito implantado no útero limpo da virgem escolhida, provido da capacidade de interagir com todas as leis da natureza; teria poderes fatais contra seus acusadores sem lhes encostar a mão, mas cumpriu a vontade do Pai, que entregou seu próprio Filho para que os homens O matassem e essa é a comparação que nos aguarda.

Mas tudo... será perdoado daqueles com créditos de perdão para honrar, além de que, somos uma geração sem milagres e por isso sofreremos menor rigor; no entanto, já amanhece o dia e passa da hora de experimentar Jesus de Nazaré, não só pela idade, mas também porque o clima e a crosta terrestre^{5/70} sinalizam instabilidade.

Jesus de Nazaré leva ao Pai, pois somente Aquele que nada tem a ganhar é verdadeiro; ao contrário, doa tudo que tem, doa a própria vida para em proveito de terceiros anunciar a transição. Com Sua doação ao martírio comprou toda propriedade espiritual, de onde tem autoridade perpétua.

Dentro do templo, Jesus de Nazaré exigiu rigor; expulsou a pontapés os cambistas, querendo ensinar respeito pelo Eterno, pois estes são como cachorros sujos adentrando a casa do Senhor. Mas fora do templo, o Príncipe da Paz foi 100% Pacífico e assim, tomou posse de toda a espiritualidade, porque ao entregar-se ao martírio provou Sua mansidão e como manso que é, é Dele que procuro me aproximar.

Jesus de Nazaré exalava virtudes, mas foi rejeitado pelos homens geocentristas, equilibrando a balança das nações; e hoje a grande maioria não conhece ou reconhece o sacrifício Daquele que era mais que Mestre. Perderam o sentido de Seus próprios milagres, porque outros protagonistas religiosos também o fizeram; mas Sua verdade está no nascimento do cristianismo sob condições adversas e Sua majestade se sustenta nos milagres relatados em Atos dos Apóstolos, em Sua ausência, fazendo prova do verdadeiro poder, transbordante, capaz de transmitir a outros de Seu próprio poder.

Tudo que for dito em favor da construção da verdade agrada a Deus, porque Deus prega a verdade, mas o dominador prega a doutrina e sua dissidência é prova por dedução matemática, ser errônea a sua maior parte.

ENYSDEOR DR.